



## Domingo da Ressurreição - Páscoa (27/03/2005)

### 1ª leitura – Atos 10.34-43

O texto lembra o primeiro contato de Pedro com um gentio (Cornélio), na condição de proclamador da boa-nova da Ressurreição de Cristo. O cerne de seu discurso foi a centralidade da ressurreição e das conseqüências desse fato para o povo que segue o ressuscitado: a certeza de que Deus não faz acepção de pessoas (vers. 34), o que levou Pedro a compreender que o povo de Israel já não tem privilégios.

A ressurreição de Cristo tem alcance universal. E a universalidade do amor de Deus é confirmada quando o apóstolo diz que "em qualquer nação, os que temem a Deus e praticam a justiça lhe são agradáveis". O apóstolo testifica com eloquência da ressurreição de Cristo, mas enfatiza particularmente os efeitos dessa na vida de quem o reconhece como Senhor: a obediência à sua ordem de proclamar essa realidade a todo o povo e dar testemunho de que aquele crucificado que ressuscitou é agora o juiz dos vivos e dos mortos. (Rev. Carlos Eduardo B. Calvani).

### Epístola – Colossenses 3.1-4

Qual é a finalidade da proclamação na Páscoa? É apenas para dizer que um cadáver foi ressuscitado? Não! O objetivo é duplo: (1) anunciar o poder e a fidelidade de Deus, a sua vitória sobre a morte, (2) a conseqüência ética na vida de quem aceita e reconhece a fidelidade divina com gratidão.

(1) O texto designado é um encorajamento para a vida cristã cada vez mais fortalecida pela ressurreição de Cristo. A vida cristã ocorre numa relação. Por isso, o autor está dizendo: mostre na vida essa relação. Com efeito, essa relação requer que a nossa vida repouse na plenitude da realização divina. Conforme o vs. 4, a nossa presente identificação com o Ressuscitado é uma antecipação da plenitude. É bom observarmos que, neste ponto particular, o que se fala sobre a escatologia está em linguagem espacial e temporal. No vs. 4, a linguagem escatológica está na forma temporal "quando...". Nos versos anteriores, o quando está na forma de "onde".

(2) "Não nas coisas da terra". É importante não compreender mal essa expressão - "as coisas da terra". O apóstolo não está criticando o interesse legítimo pelas questões sociais, culturais, políticas ou a busca pela justiça e pela vida digna. Tampouco não podemos interpretar "as coisas do alto" com um tipo de religiosidade individualista e intimista. Isso seria desastroso. As coisas celestiais têm a ver com a vida uns com os outros sob a nova condição: da nova humanidade, que vem da fidelidade de Deus, (ver o vs. 10 que vem de fora e transforma as pessoas.). As "coisas terrenas" não são as coisas que estão aqui, mas a vida como um todo voltada para si e fechada a Deus e ao próximo. A carta nos fala na vida deste mundo sob a perspectiva do "segredo da nova criação" a ser plenamente revelado. Em meio ao "mundo velho e humanidade velha" manifesta-se a nova criação. A Páscoa é o tempo em que somos renovados para manifestar esse segredo da nova criação, ser elevado à presença de Deus. (Dom Sumio Takatsu)



### Santo Evangelho – João 20.1-10 (11-18) ou Mateus 28.1-10

Há vários riscos que rondam o pregador quando se põe a preparar sua homilia de Páscoa. Em geral, é comum que se monte uma prédica criticando a sociedade de consumo que transformou essa festa em oportunidade de venda de chocolates. Em outros casos, aproveita-se a data para tentar provar aos céticos a ressurreição de Cristo. Esse, porém, é um dado de fé que não pode ser provado cientificamente, mas aceito numa perspectiva teológica. Os evangelistas não perderam seu tempo tentando explicar como ou o quê aconteceu propriamente com o corpo físico de Cristo. Quem participa da liturgia da Páscoa merece ouvir o anúncio da importância da ressurreição para a vida cristã, tanto do ponto de vista coletivo (a existência da Igreja enquanto realidade sacramental), como do ponto de vista pessoal (a importância da mensagem da ressurreição para minha vida de fé, para mim enquanto cristão).

Nosso lecionário sugere dois textos para a Páscoa. **Mateus** está cheio de elementos próprios das grandes narrativas religiosas: terremotos, aparições de anjo semelhante a um relâmpago, etc. Entretanto, não é aí que se concentra a mensagem propriamente dita, e sim nas palavras do anjo: “não temais” (v. 5); “ide, contai aos discípulos”(v. 7a); “ele vos precede na Galiléia, ali o vereis” (v. 7b).

Quanto ao v. 5, podemos lembrar o temor e a decepção que se apossou dos discípulos quando da morte de Cristo. Parecia o fim de um sonho, a derrota e a frustração de todas as expectativas. E quando isso acontece, naturalmente, se instala no coração a falta de sentido, de referencial e de perspectivas. A mensagem da Ressurreição vem quebrar esse pessimismo que freqüentemente rodeia nossa fé. Seria interessante relacionar essa realidade em duas perspectivas: a dimensão pessoal, da pessoa que atravessa crises fortes e sente sua fé abalada; outra dimensão seria a coletiva, lembrando a falta de esperança que toma conta do coração do nosso povo nesses tempos de crise, desemprego e miséria.

O v. 7 introduz a mensagem de boa-nova que todos merecem e necessitam ouvir: “Ide, contai... Ele ressuscitou como havia dito”. Essa é a mensagem central da Igreja. O v. 7b aponta para o grande desafio de acompanhar o Cristo que está vivo e nos precede “na Galiléia”. Geralmente não damos valor à importância desse lugar geográfico. A Galiléia dos gentios, do “povo que não conhece a lei”, dos pecadores, dos desamparados, aquele lugar que, de acordo com o preconceito jerusalemita, era a vergonha da nação, a ponto de o Natanael responder a Filipe quando este lhe fala de Jesus: “Acaso de Nazaré pode sair algo de bom?” (Nazaré era um vilarejo da Galiléia).

A dificuldade em compreender o poder da ressurreição do Cristo hoje e encontrá-lo mais vivo do que nunca, reside no fato de que geralmente não nos dispomos a pôr os pés na nossa Galiléia. Preferimos procurá-lo “em Jerusalém”. Mas não foi a Jerusalém, ao lugar que era o centro do poder político, econômico e religioso, que o anjo os enviou para encontrar o Cristo vivo. Ele nos precede é exatamente ali onde temos tantas dificuldades para ir: ao encontro dos pecadores, dos sofredores, dos desempregados, das pessoas cuja ética e religião não se



enquadram em nosso padrão. Essa talvez seja uma mensagem que pode despertar reações negativas na comunidade. Mas é a mensagem do Evangelho de hoje: "Ide à Galiléia... ali o vereis".

A outra opção do lecionário é o texto de **João 20.1-18**. Quem optar por essa perícopes pode concentrar a atenção nos versos 11-18. Maria Madalena foi uma das tantas pessoas atingidas pela pregação de Jesus. Acreditara em suas palavras. Mas após a Sexta-feira, tudo parecia ter desabado. E no domingo, ela se dirige ao túmulo simplesmente para chorar e recordar aquele a quem seguira. Ela, de fato, não esperava sua ressurreição. O fato da morte foi muito evidente. E a prova de que não esperava ver o túmulo vazio foi o susto, a surpresa e o seu anúncio aos discípulos: "roubaram o corpo de Jesus e não sabemos para onde o levaram".

O verso 11 mostra Maria chorando junto ao túmulo. De fato, ela tinha motivos de sobra para chorar, pois não encontrou sinal algum de Cristo. Os exegetas Mateos e Barreto concluíram que Maria é símbolo da nova comunidade que segue a Jesus. À beira do túmulo ela representava a comunidade joanina desiludida, desamparada, desesperada e desanimada. Esses são os sinais claros de uma Igreja que não se alimenta da fé na ressurreição e que apenas chora o passado. Esses são sinais claros também de nossa vidas quando não compreendemos que a ressurreição significa a afirmação da esperança e da vitória sobre tanta dor, cansaço e sofrimento. Não há nada mais triste para a vida cristã que desconhecer o poder vivo, presente e atual do Cristo, e imaginar que Ele está morto. Quando isso acontece numa paróquia, por exemplo, não há qualquer esperança para seu futuro, senão chorar, lamentar-se, fechar as portas e esperar a própria morte.

Quando Jesus aparece a Maria, ela inicialmente não o reconhece. Para ela, o fato maior e a única certeza era a própria morte. Ela já se acostumara com a realidade inegável da morte. Mas naquele momento, Jesus a chamou pelo nome. Não a interpelou com uma explicação doutrinária. Simplesmente pronunciou seu nome, e então ela não vacilou. Ao ouvir a voz de Cristo, ela já não olha o sepulcro. O sepulcro é passado. Quando Ele lhe dirigiu sua Palavra e a chamou pelo nome, então verdadeiramente foi Páscoa para Maria.

Eis aí outro ponto que merece destaque: o poder da Palavra de Deus em suas múltiplas dimensões (Cristo como a Palavra primeira; a Bíblia como o testemunho escrito da Palavra; e a pregação ou a pastoral como a atualização constante da mesma Palavra). O desprezo de tantas pessoas pelo estudo das Escrituras é um dos fatores que explicam tamanha inoperância dos grupos cristãos em nossos dias. A perícopes conclui com Maria saindo a anunciar aos demais discípulos o que vira. Antes disso, porém, ela parece tentar retê-lo ali. Mas Cristo a impede de fazer isso, mostrando que se inaugurava agora o tempo da missão. Por isso Ele a enviou a anunciar sua ressurreição ao mundo. Eis aí outra grande lição do texto: a mensagem da ressurreição só é vivida realmente no anúncio contínuo, na atualização constante dessa mensagem de esperança e vitória em meio às dores, lágrimas, tristezas e sofrimentos do mundo. (Rev. Carlos Eduardo B. Calvani).